

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GEOGRAFIA-LICENCIATURA**

Cleone Stülp

**DEBATE DA NOÇÃO DE TERRITÓRIO COMO ABRIGO E
TERRITÓRIO COMO RECURSO A PARTIR DE UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO DE LEITE NO OESTE CATARINENSE E PRODUÇÃO
DE MATERIAL PARA ENSINO DE GEOGRAFIA**

Chapecó
2015.

Cleone Stülp

DEBATE DA NOÇÃO DE TERRITÓRIO COMO ABRIGO E
TERRITÓRIO COMO RECURSO A PARTIR DE UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO DE LEITE NO OESTE CATARINENSE E PRODUÇÃO
DE MATERIAL PARA ENSINO DE GEOGRAFIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para aprovação no componente curricular Trabalho de conclusão de curso II.

Orientadora: Prof^a. Dra. **Lídia Antongiovanni**

Chapecó
2015

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Stülp, Cleone

DEBATE DA NOÇÃO DE TERRITÓRIO COMO ABRIGO E TERRITÓRIO COMO RECURSO A PARTIR DE UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE LEITE NO OESTE CATARINENSE E PRODUÇÃO DE MATERIAL PARA ENSINO DE GEOGRAFIA/ Cleone Stülp. -- 2015.

55 f.:il.

Orientadora: Prof. Dr. Lidia Antongiovanni.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Geografia, Chapecó, SC, 2015.

1. DEBATE DA NOÇÃO DE TERRITÓRIO COMO ABRIGO E TERRITÓRIO COMO RECURSO A PARTIR DE UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE LEITE NO OESTE CATARINENSE E PRODUÇÃO DE MATERIAL PARA ENSINO DE GEOGRAFIA. I. Antongiovanni, Prof. Dr. Lidia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Cleone Stülp

DEBATE DA NOÇÃO DE TERRITÓRIO COMO ABRIGO E
TERRITÓRIO COMO RECURSO A PARTIR DE UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO DE LEITE NO OESTE CATARINENSE E PRODUÇÃO
DE MATERIAL PARA ENSINO DE GEOGRAFIA

Orientadora: Prof^a. Dra. Lídia Antongiovanni

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Lidia Antongiovanni

Prof. Dr. Ricardo Scherma

Prof. Dr. Marlon Brandt

Dedico este trabalho todos que contribuíram para essa caminhada, em especial minha família, professores e amigos, pois sem o apoio incondicional de todos vocês não teria chegado até aqui.

Obrigada pelos exemplos positivos que vocês me deram.

AGRADECIMENTOS:

“As coisas que consegui não são tão belas quanto aquelas que sonhei, mas aconteceram coisas tão belas que jamais havia sonhado!!”

É com grande satisfação e com um pouco de tristeza que concluo este trabalho. Alegria por poder expressar, após quatro anos e meio de estudos, os conhecimentos que adquiri neste curso e tristeza por ter acabado esta fase tão especial de minha vida, a graduação, fase esta em que vivi, senão, está entre os melhores momentos de minha vida.

Agradeço a minha orientadora e amiga, pela qual sinto um carinho especial, a Professora Dr^o Lidia Antongiovanni, que sempre esteve presente para me ajudar quando precisei, disponibilizando suas experiências e conhecimento, orientando e mediando minhas dúvidas e sugerindo/orientando os melhores caminhos para um trabalho melhor.

Aos outros professores do colegiado de Geografia que se disponibilizaram a contribuir para minha formação, tenho muito orgulho de ter sido sua aluna, guardarei lembranças de todos, ou que de uma ou outra forma estavam dispostos a contribuir para a minha formação. Muito obrigada por tudo.

A minha família, em especial ao pai Antonio Edvino Stülp e a mãe Marlene Babick Stülp, logo eles que foram impedidos de continuar seus estudos, chance que não tiveram. A minha irmã Cristiane, presente nos momentos mais difíceis da minha vida pessoal, aos demais irmãos Adriano Luis (cunhada Zilmar e sobrinhos Ana Luisa e Luis Henrique) e Carlos Augusto que me apoiaram mesmo a distância para a conclusão do curso. Paulo Cesar que no ultimo dia me ligou avisando que estava na chamada, obrigada pela sua ligação, sem ela não teria chegado até aqui.

Aos meus amigos e colegas da Universidade que sempre estavam me apoiando, grandes amizades que surgiram, estarão no meu coração. Aos colegas de classe que durante todos esses anos aturaram meu mau humor nos momentos de maior tensão na vida acadêmica e minhas piadas e explicações (às vezes sem graça), mas que sempre me deram forças e estímulos ao longo dessa caminhada.

E por último a todos que de uma ou outra forma queriam e estão vendo essa etapa chegando ao fim com sucesso.

Muito obrigada a todos que cruzaram o meu caminho!!!

RESUMO:

O presente trabalho aborda o debate do território como abrigo e do território como recurso a partir da produção de leite no oeste de SC. Tal debate foi feito em dois momentos. Em um primeiro momento discute-se os elementos da conformação do território como recurso tendo como elemento principal a técnica de confinamento de gado leiteiro denominada de free stall, considerando também os seus elementos normativos. Em um segundo momento discute-se a conformação do território como abrigo a partir da trajetória da família Stülp e de outras famílias entrevistadas. Além disso, fizemos um debate sobre possíveis aproximações metodológicas para a produção de conhecimento geográfico e para o ensino de geografia. Foi possível perceber que o território é organizado de diferentes maneiras conforme os seus usos, deflagrando conflitos territoriais.

Palavras chaves: território usado, modernização do campo, sistema produtivo do leite, conflitos territoriais.

Lista de Imagens:

Figura 1: Galpão do Free Stall da propriedade da família Rovani em outubro de 2015 _____	20
Figura 2: Mapa dos “Arranjos Produtivos Locais nas Mesorregiões Diferenciadas 2003/2008”, Ministério da Integração Nacional _____	21
Figura 3: Mapa da Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul _____	22
Figura 4: Ranking dos estados produtores de leite do Brasil em 1980 _____	28
Figura 5: Ranking dos estados produtores de leite do Brasil em 2012 _____	29
Figura 6: distribuição espacial do leite no Brasil, em 2008 _____	30
Figura 7: distribuição geográfica dos estabelecimentos e processamento de leite no Brasil, em 2010 _____	31
Figura 8: produção de leite (em litros) por km ² nos estados brasileiros _____	33
Figura 9: Mapa da produção de leite no estado de Santa Catarina _____	34
Figura10: Folder da propaganda para atrair os agricultores _____	36
Figura 11: Propaganda para atrair imigrantes a colônia de Porto Novo, atual Itapiranga/SC. _____	37
Figura 12: Trator adquirido pela família _____	43
Figura 13: implementos agrícolas, caçamba do trator _____	44

SUMÁRIO:

Apresentação	10
Introdução	11
1. Território como abrigo e território como recurso na produção de leite a partir da trajetória geográfica da família Stülp. Aproximações metodológicas para a produção de conhecimento geográfico e para o ensino da geografia	14
2. Elementos da conformação do território como recurso a partir da produção do leite no oeste de Santa Catarina	16
2.1. A introdução de um novo elemento técnico na produção de leite: <i>O Free Stall – técnica de confinamento</i>	18
Alguns elementos do complexo conjunto técnico normativo atual, constituído em torno da noção de território como recurso	21
A Aliança Láctea Sulbrasileira como componente técnico	23
O surgimento das cooperativas e seu papel técnico normativo	25
Produção e mercado nacionais	27
Produção Sul Brasileira	32
Produção e mercado estadual de Santa Catarina	32
3. Elementos da conformação do território como abrigo a partir da produção do leite no oeste de Santa Catarina	35
Processos de (des)(re)territorilizações	35
Elementos da trajetória da família	39
A busca de um território como abrigo e como recurso	39
Este item é escrito a partir de entrevista com meus pais Antonio Edvino e Marlene Babick: historia das mudanças que ocorreram na propriedade	39
Outras famílias entrevistadas	45
Entrevista família de Jair Carlos Rovani e esposa	45
Entrevista Marcelo Luzzi e Lenira Aparecida Tormen Luzzi	47
Entrevista Marcos A. Luzzi e Suzeli Luzzi	48
Considerações finais	50
Referências	53

Apresentação

O tema deste trabalho foi despertado a partir de minha experiência de vida, pelo fato de ter passado minha infância e parte da juventude na propriedade rural de minha família e ter visto um conjunto de transformações ocorrerem no processo produtivo do leite provocado pelo processo de modernização da atividade, tema que permeia nosso trabalho.

Alguns aspectos desta transformação serão relatados a partir do relato da experiência da família com esta atividade contada em entrevistas com meus pais Antonio Edvino e Marlene Babick, que têm seis filhos, que teve como a principal base econômica a atividade leiteira nas últimas duas décadas e atualmente como a única fonte de renda.

Tal trajetória geográfica será interpretada à luz da Geografia, disciplina na qual estou me graduando – modalidade licenciatura – a partir principalmente do conceito de “território usado” de Milton Santos.

Este trabalho pretende ser um exercício teórico metodológico para ser utilizado no ensino de geografia, uma vez que busca aliar o conhecimento do próprio sujeito no processo de conhecimento com debate teórico em Geografia, proporcionando ao estudante de ensino fundamental ou médio uma possibilidade de perceber o território a partir de uma abordagem geográfica.

Tal exercício também auxiliaria na desmistificação da Geografia como “ciência da localização” para uma ciência que debate a relação das pessoas no território, constituído de elementos humanizados e elementos da natureza.

Introdução:

Uma nota metodológica e percurso do trabalho

Este trabalho está inserido no contexto da produção acadêmica da UFFS que busca produzir conhecimento e dialogar com a sociedade regional no âmbito da abrangência da universidade que atua, com 06 campi, na área da chamada “Mesorregião da Grande Fronteira Sul”, uma das “Meso Regiões Diferenciadas” do Ministério da Integração Nacional, parte do programa PROMESO - Programa de Promoção da Sustentabilidade de Espaços Sub-Regionais (Ministério da Integração Nacional, 2009).

Apresentamos alguns elementos da produção de leite relatado a partir da escala local com base na vivência da família da autora desta monografia. A família de Stülp de Itapiranga.

O recorte teórico metodológico é o debate sobre desenvolvimento e território a partir da noção de território usado e de suas ênfases – território como abrigo e território como recurso.

Buscamos a perspectiva de uma das tarefas da Geografia, a de “falar o território” que nos traz Milton Santos. Neste trabalho buscamos fazer falar o território a partir de quem vivencia o processo em tela que é a produção leiteira no oeste de Santa Catarina.

Desta forma este trabalho busca esta coerência com os propósitos da UFFS e seu caráter regional.

O recorte mesorregião é tomado neste trabalho como um conjunto de dados referenciais, um território dado, que nos auxilia na contextualização do presente trabalho.

Queremos então neste trabalho problematizar a organização do território pautada na especialização do produtiva no território, com base em Milton Santos (2006). E aqui fazê-lo através deste relato numa modesta contribuição a este debate que é tão vasto e polêmico.

Apresentamos alguns elementos da produção de leite no oeste de Santa Catarina tomando como marco técnico referencial - abordado como sistema técnico introduzido com base naquela noção de especialização dos territórios regionais – alguns aspectos da chegada do *Free Stall* como um elemento no

processo de afirmação da produção de leite no oeste catarinense que se tornou das principais fontes de renda (senão a única) de grande parte dos produtores rurais da região.

O PROMESO é organizado a partir da Política Nacional de Desenvolvimento Regional – PNDR e seu discurso é pautado na idéia de “redução das desigualdades regionais” feita por dois eixos:- “fortalecimento dos fóruns mesorregionais” e a “ativação econômica a partir do fomento dos “Arranjos Produtivos Locais”, segundo Ministério da Integração Nacional (2009).

Buscamos discutir que neste processo ocorre permanência no campo com dependência da grande agroindústria através do financiamento das infra-estruturas para se adequar aos novos modelos técnicos de produção e suas normatizações.

Há neste processo a geração de conflitos devido ao atrito gerado no território derivado das contradições geradas no confronto entre o que é mais importante e o que rege aquele território abrigo e ou território recurso.

O presente trabalho, portanto, é um estudo-relato das transformações na família de Antonio e Marlene Stülz e seus vizinhos e é norteada por dois eixos que se comunicam.

Um eixo é o debate teórico metodológico que busca problematizar as noções de território como abrigo e território como recurso a partir da noção de território usado de Milton Santos (2000). O eixo problematizador é o novo componente técnico científico na transformação das relações socioespaciais que é o Free Stall.

Outro eixo é a construção de uma atividade de ensino de geografia como estratégia metodológica para discutir teoria em geografia, para estudar o meio a partir da vida cotidiana e como possibilidade de interdisciplinaridade com as outras disciplinas do ensino. Este eixo traz também a possibilidade de discutir a própria metodologia do trabalho buscando entender o que é “válido” ou não no debate científico. Pode constituir-se, assim, num estudo do meio a partir da trajetória geográfica dos alunos do ensino básico.

Constitui-se, portanto de uma atividade acadêmica na medida que possibilita discutir geograficamente a sociedade e pedagógica para o ensino de

geografia na medida que busca contribuir para metodologias para o ensino da geografia.

É um debate teórico metodológico e pedagógico uma vez que mostra a importância de uma produção teórica crítica que nos permite desvendar discursos.

Território como abrigo e território como recurso na produção de leite a partir da trajetória geográfica da família Stülp

Aproximações metodológicas para a produção de conhecimento geográfico e para o ensino da geografia

Este item visa apresentar a metodologia do trabalho bem como sua possível utilização como elemento pedagógico para ensino de geografia

Milton Santos nos traz uma noção a de “território usado” que tem como um dos principais objetivos fazer perceber que o território na sua dinâmica é o que diz respeito à geografia.

*O velho Kant já dizia que as idéias precedem de tal modo as palavras que, com freqüência, as palavras não refletem corretamente as idéias. Se usarmos o gerundivo, o **território em sendo usado**, isso acaba pesado, mas, na realidade, o que eu digo é que há uma situação e que a dialética se dá entre os homens, e os homens no território, e não entre os homens e o território como definido classicamente. Permanece um certo tipo de dualidade, mas em que o espaço já não é totalmente separado daquela outra categoria os seus usuários. (Santos, 2004, p.35)*

A perspectiva deste trabalho é discutir as ênfases do território abrigo e recurso:

“Para os atores hegemônicos o ‘território usado’ é um recurso, garantia de realização de seus interesses particulares. Desse modo, o rebatimento de suas ações conduz a uma constante adaptação do seu uso, com adição de uma materialidade funcional ao exercício das atividades exógenas ao lugar, aprofundando a divisão social e territorial do trabalho, mediante a seletividade dos investimentos econômicos que gera um uso corporativo do território. (...) Os atores hegemônizados têm o território como um abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares.” (Santos et al, 2000, p. 12)

O novo componente técnico, o Free Stall, traz inovações no modo de produzir cuja intencionalidade é o do aperfeiçoamento. Entretanto aperfeiçoar assume distintos significados.

Parâmetros trazidos com a noção de desenvolvimento do pós-guerra (2ª GM) com o qual o crescimento econômico viria da introdução cada vez maior de ciência e tecnologia nos territórios.

O trabalho propõe então ser um relato geográfico, isto é, ensaiar uma análise geográfica sobre “seu território” a partir de seu núcleo familiar e suas

interrelações. Neste caso temos a produção de leite como “sistema técnico” que é o elo de ligação nas escalas local, regional, global.

Da escala global podemos trazer a noção de verticalidades de Milton Santos – neste caso a verticalidade é a introdução do *free stall* – trazendo o discurso técnico científico

Na escala regional temos a gradativa constituição de uma região produtora de leite que se constitui da crescente incorporação dos produtores nos grandes laticínios padronizando a produção familiar

Na escala local temos a família Stülp (e sua rede de relações) que de diversas formas é afetada por estas transformações no oeste catarinense partindo do município onde moram desde que casaram em 1986 até os dias atuais. Tanto a família materna como a família paterna, vieram da região de Venâncio Aires, Santa Cruz do sul, Sinimbu (terra natal do seu Antonio). A família materna veio para a região de Itapiranga no ano de 1953 e a família paterna no ano de 1961. Muitas famílias que instalaram residência em Itapiranga foram atraídos pelas terras baratas e pela prosperidade econômica anunciados pelas colonizadoras no período da colonização como será visto no item 3a.

Este trabalho pretende trazer uma contribuição que possa ser utilizada como metodologia para o ensino de geografia em geral, no ensino básico, com vistas a introduzir o debate teórico partindo da análise de sua própria trajetória.

Consiste em um relato pessoal que será narrado pelo autor do trabalho ao mesmo tempo refletindo sobre esta trajetória a partir da geografia – território como abrigo – território como recurso – dada a grande interatividade que pode ser gerada por estes termos.

Elementos da conformação do território como recurso a partir da produção do leite no oeste de Santa Catarina.

A produção de leite é permeada por normatizações de diversas ordens. Dos costumes de consumir leites ao intrincado conjunto de elementos normativos e institucionais que compõe a produção do leite. Neste trabalho vamos analisar a partir da perspectiva do território abrigo e território recurso.

O leite é um alimento que data de milhares de anos e muitas transformações técnicas ocorreram tanto no seu papel na alimentação quanto nas formas de produzi-lo e comercializá-lo. Mas é sobretudo com as transformações a partir da Revolução industrial que promove um crescente processo de industrialização do campo que as transformações técnicas na produção do leite transformam-se radicalmente(Parmalat).

Uma das maiores transformações técnicas está nas formas de confinamento que, juntamente com os estudos genéticos, vão definir a capacidade de produção.

A cabra e a ovelha são os animais dos quais se extrai leite e mais antigos que se tem notícia. Acredita-se que foram os romanos que difundiram o uso do leite de vaca e as técnicas para trabalhar seus derivados. Isto teria por sua vez se difundido pelo território europeu.

Uma questão técnica que é trazida pela revolução industrial em todos os setores alimentares são os modos de conservação. Isto significou o princípio da difusão de hábitos alimentares semelhantes no mundo todo promovendo inclusive uma padronização do gosto, como nos mostra Ortigoza (1997).

Pasteur no século XIX, na esteira das buscas por controle da higienização e do controle de doença que muitas vezes tinham sido produzidas no processo de globalização que ia se delineando, traz a descoberta do método que daria mais longevidade ao leite.

Segundo o site de apresentação da empresa Parmalat, Franz Von Soxhlet criou o processo conhecido como pasteurização em 1886, que passa a ser intensamente usado a partir da segunda década do século XX devido à rápida urbanização.

Gradativamente a necessidade de confinamento do gado se impõe. Seja para aumentar a produtividade seja para permitir a alimentação do gado em épocas de clima rigoroso.

O que se impõe com a transformação da sociedade é, portanto, uma concentração da produção tanto em termos financeiros quanto em termos do lugar da produção. Técnicas que vem sendo aperfeiçoada até os dias atuais.

A introdução de um novo elemento técnico na produção de leite ***O Free Stall – técnica de confinamento***

Segundo informações coletadas em conversar com alguns dos primeiros produtores de leite da região, algumas famílias possuíam animais para o consumo delas, com o passar do tempo com a vinda de agroindústrias para a região e a intensificação da urbanização brasileira e regional, muitas pessoas passam a procurar os produtores para poder continuar o consumo do produto. O processo de urbanização trouxe para a região empresas do setor de processamento do leite, muitas delas atreladas as cooperativas regionais. A partir do item 3a será dada uma ênfase para a questão da colonização, ocupação regional e a inserção no mercado econômico, seguindo de algumas entrevistas com produtores.

No início dos anos 2000 passa a se difundir um novo modelo técnico de produção de leite que se chama Free Stall. Escolhemos o free stall com um marco histórico referencial no atual processo de transformação técnica e normativa da produção do leite no oeste de SC.

O sistema de confinamento do gado leiteiro, o Free Stall é composto por um grande galpão, com instalações que possuem o mínimo de conforto exigido para a melhor produção do animal. Nesse sistema de produção pode ter dois tipos de cama, as de areia e as camas de serragem, essa conhecida mais como Compost Barn. Nas instalações se encontra uma área de descanso junto aos comedouros e bebedouros, um sistema de ventilação complexo (ventiladores, abertura proposital no telhado), sala de ordenha, dos corredores de dejetos (podendo ser todo controlado por um sistema manual, mecânico ou altamente informatizado), sistema de limpeza controlado, os dejetos são depositados num reservatório para aproveitamento na adubação das pastagens, todo o sistema de produção exige maior atenção e cuidados com toda a estrutura, desde a alimentação, temperatura do ambiente, manejo de modo geral, como visto nas propriedades visitadas a campo.

Segundo a revista eletrônica portal do agronegócio (março de 2014):

“...as vacas produzem mais e melhor num ambiente de conforto, pois ele faz com que o animal se sinta melhor passando a produzir mais. Para atingir esses resultados é necessário climatizar o ambiente para

que o animal possua um equilíbrio térmico, “longe” das intempéries da natureza.” (Agronegócio, 2014).

Segundo Iran José Oliveira da Silva, professor do Departamento de Engenharia Rural da Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba-SP publicado no bichoonline, produzido pela revista Balde Branco:

"A refrigeração exige determinados mecanismos, naturais e artificiais, que significam investimentos nem sempre viáveis, já que dependem da escala de produção".

Ainda segundo a revista Balde Branco “o projeto de adaptação do ambiente para uma maior produção de leite começa por um controle natural, que deixara o ambiente em redor arborizado de maneira a não intervenção da ventilação natural, formando uma camada térmica ao redor do galpão. Muitos outros aspectos devem ser levados em consideração, como por exemplo, o tipo de vegetação, a orientação das instalações, o comportamento dos fluxos de ar da região.

Para obter este conforto térmico às vezes é preciso a “Intervenção com mecanismos tecnológicos ocorre para ajudar na climatização do espaço interno do galpão, que chega a reduzir em vários graus a temperatura. As instalações são de acordo com o clima local.”

De acordo com as informações de Silva na Revista Balde Branco as melhorias nas instalações promovem maior eficiência alimentar e crescimento, controle de enfermidades e parasitas. Em termos de produção, o professor revela dados animadores. Combinando sombreamento e fornecimento de concentrado, alcançaram-se resultados bastante positivos. Segundo pesquisas elaboradas em todo o mundo foi comprovado que a produção aumenta quando o animal fica num ambiente mais confortável.

Conforme Silva, 2010:

“Para ajustar-se às condições ideais para produção de leite o criador deverá considerar os aspectos do ambiente no macro e no microssistema. Consideram-se macro as condições da região externa ao sistema de exploração, .como características do clima da região, relevo, nível econômico e tecnológico, tipo de exploração, tamanho do plantel, entre outros. No microssistema, estão incluídos aspectos técnicos de exploração, características do rebanho, sistemas de manejo de animais e equipamentos, manejo e controle sanitário, nutrição e ambiência interna. O ajuste, porém, será o somatório de medidas visando a maximizar os aspectos técnicos envolvidos nesses dois sistemas, na tentativa de manter viável a qualidade e a economia da exploração leiteira” (Silva, 2010 p) .

Atualmente muitos produtores não conhecem quais deveriam ser os fatores ideais para que a propriedade seja explorada ao seu maior potencial possível. Como nos localizamos numa região diferente (os países do norte que possuem um clima com temperaturas baixas) o daquelas onde é modificado as raças para uma maior produção a queda é inevitável, como um sistema de bem estar animal numa região trará resultados satisfatórios?

O calor provoca um stress no animal, que em um efeito cascata faz com que toda a produção leiteira seja prejudicada. Em um sistema como o de confinamento dos animais nesses períodos, favorecem ao maior rendimento por animal e uma produção de ótima qualidade do produto. As instalações do Free Stall provam que é possível o aumento da produção durante o período de queda nas propriedades com as instalações técnicas tradicionais.

Conforme o agrônomo Valmir Schatz, o aumento de produtividade de 20 a 30%, que já foi comprovado em outras propriedades que adotaram o Free stall, paga o investimento em pouco tempo.

O espaço natural é transformado ao longo do tempo, muda, evolui como cita Santos (1996 p.5) “As novas técnicas vão transformando a paisagem, artificializando a natureza.”

O financiamento do circuito espacial de produção a partir de novas técnicas é feito pelo governo federal a partir do programa mais alimentos que visa produzir mais para aumentar a renda familiar, financiado pelo Banco do Brasil. O programa mais alimentos foi criado para fortalecer a agricultura familiar na produção de alimentos (Ministério do Desenvolvimento Agrário).

Na nossa região (Itapiranga e Chapecó- SC), em conversa com vários produtores, é relatado que as instalações do sistema *free stall* de produção pode ocorrer por vários motivos como por vontade do agricultor produzir mais no mesmo espaço, por desejo pessoal e da família ou por necessidade de não correr o risco de perder animais mantendo-os perto de casa sempre. Como a figura 1 a seguir da propriedade de família Rovani do município de Chapecó, Santa Catarina é um dos muitos exemplos encontrados.

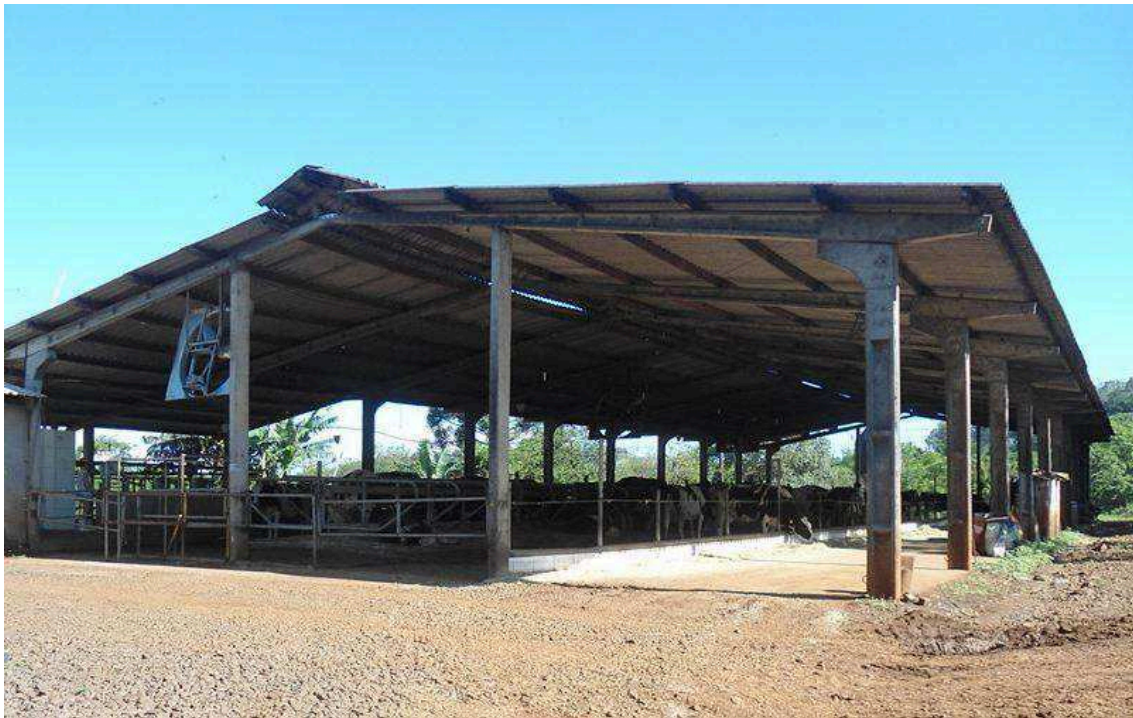


Figura 1: Foto de galpão das instalações do Free Stall da propriedade da família Rovani em outubro de 2015.

Fonte: Cleone Stülp.

2b -

Alguns elementos do complexo conjunto técnico normativo atual, constituído em torno da noção de território como recurso

A produção do leite em Itapiranga insere-se no que convencionou-se chamar da “Arranjos Produtivos Locais” (APLs) e passa a fazer parte de políticas de incentivo de produção tanto para empresas quanto para os agricultores familiares.

Podemos localizar o oeste de SC no mapa abaixo apontando o leite como um dos elementos dos chamados APLs.

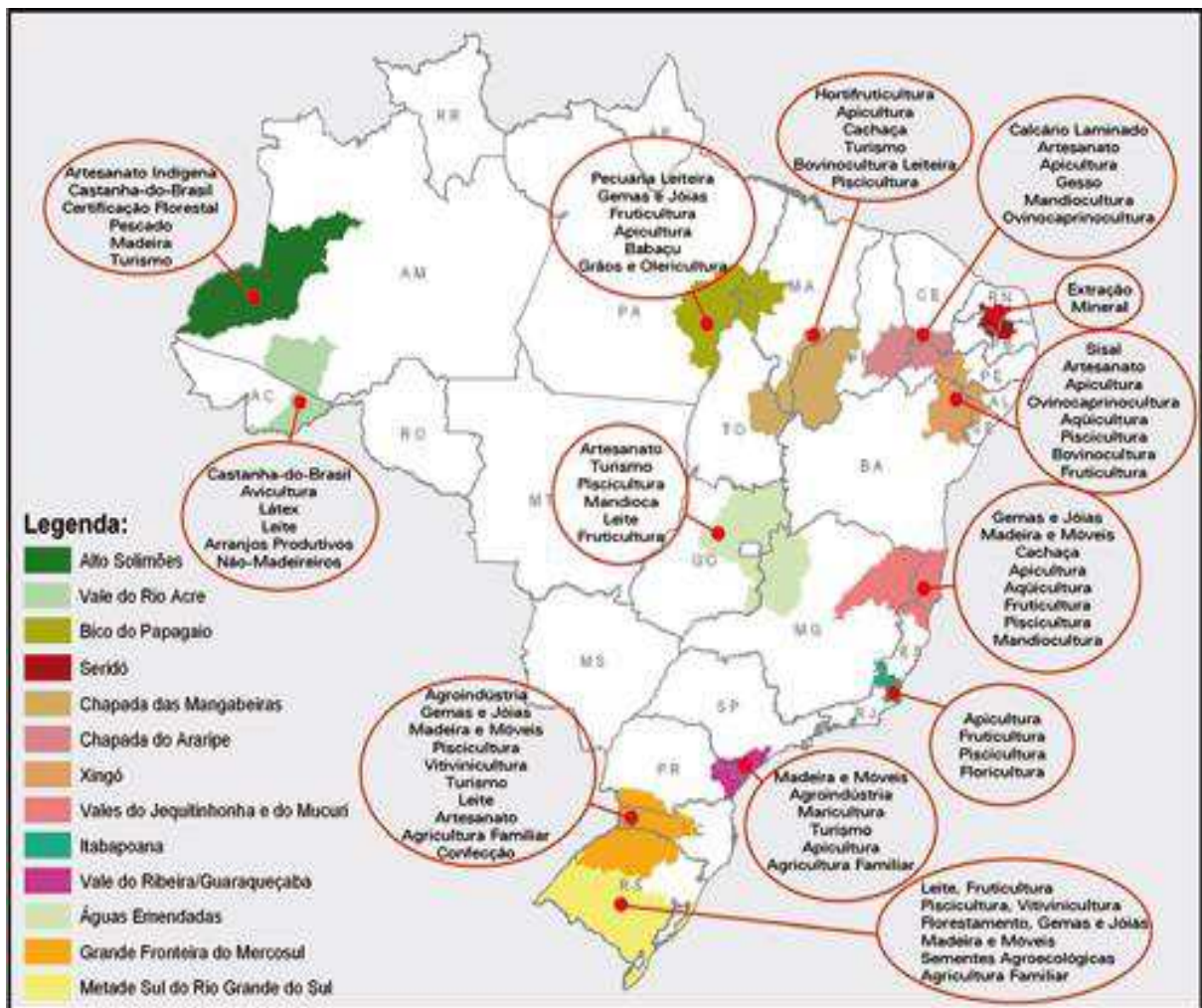


Figura 2: Mapa dos “Arranjos Produtivos Locais nas Mesorregiões Diferenciadas 2003/2008”, segundo o Ministério da Integração Nacional.

Fonte: Ministério da Integração.

Através de incentivos governamentais para atender a demandas empresariais a produção de leite vem sendo estimulada ser uma das principais fontes de renda de muitas famílias nesta mesorregião.

A noção de mesorregião, conforme relatamos acima, não é utilizada como um conceito mas sim como uma fonte de informações que nos auxiliam a caracterizar elementos da área em que vive a família Stülp, o Município de Itapiranga e seu entorno.

A mesorregião da fronteira do Mercosul é composta por municípios do sudoeste paranaense, oeste catarinense e noroeste gaúcho, um total de 396 municípios segundo ministério da integração regional.

Na figura 3 abaixo podemos ver a abrangência desta região:



Figura 3: Mapa de abrangência da Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul.
Fonte: Emater.

Mas o que queremos reter para fins deste trabalho é que a produção de leite no município de Itapiranga está atrelada no plano nacional e este entendimento dos “APLs” e é uma região considerada especial e que deve ser “melhor integrada” ao país uma vez que é objeto de uma atenção especial do Ministério da Integração Nacional.

No plano internacional também há um atrelamento que se deve a conexão mais ou menos intensa dos mercados regionais aos internacionais através das exportações realizada pelos grandes laticínios. Além disso, há a busca de uma padronização internacional de produção.

No plano local incidem políticas de financiamento e o planejamento feito a partir de uma rede normativa municipal e empresarial.

A Aliança Láctea Sulbrasileira como componente técnico

Segundo coordenadores da Aliança Láctea Sulbrasileira:

“Qualificar a cadeia láctea para ser competitiva para o mercado global é o objetivo das ações da Aliança Láctea Sulbrasileira. Para estabelecer um plano de desenvolvimento integrado do leite da região sul do País lideranças catarinenses reuniram-se em Chapecó durante a realização da EXPOESTE, com representantes do Ministério da

Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), FAESC, EPAGRI, CIDASC, Sindicatos dos Produtores Rurais, cooperativas, CONSELEITE e SINDILEITE.” (Aliança Láctea Sulbrasileira, 2015)

No encontro foram debatidas as ações dos cinco grupos de trabalho, destacando-se a questão do investimento em novas tecnologias para o controle da produção, da circulação e comercialização do leite “qualidade do leite e pagamento por qualidade; geração e transferência de tecnologias e assistência técnica e qualificação profissional; saúde animal e inspeção e conformidade legal; organização setorial, relações institucionais entre os elos da cadeia e política tributária e desenvolvimento industrial e de mercado.” (Aliança Láctea Sulbrasileira, 2015).

Estas ações são pensadas a partir da busca pela padronização internacional exigida para a exportação “Se realizarmos essas ações estaremos aptos para a exportação. Atualmente, produzimos um bom leite, mas não temos uniformidade normativa entre sanidade animal; leis estaduais e impostos”, observou o vice-presidente do Conselho Paritário Produtor/Indústria de Leite do Estado (CONSELEITE e vice-presidente regional da FAESC, Adelar Maximiliano Zimmer. A intenção é de que o MAPA consiga uniformizar as exigências dos Estados para qualificar o produto lácteo e com isso ingressar no mercado internacional.” (Aliança Láctea Sulbrasileira, 2015)

Segundo o coordenador da Aliança Láctea Sulbrasileira e secretário adjunto da Secretaria adjunto de Estado da Agricultura e da Pesca Airton Spies:

“a expectativa para 2023 é de que a produção brasileira de leite atinja 53 bilhões/litros/ano. Atualmente, a produção é de 36 bilhões de litros/ano, e a estimativa para 2023 é de um consumo de 43 bilhões, ou seja, teremos um superávit de 10 bilhões/litros que se não for exportado a produção não poderá crescer os níveis estimados. Entre os possíveis mercados brasileiros para exportação estão Rússia, China e os países emergentes.”

Outras fontes normativas dizem respeito à padronização do consumo nutricional:

“Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS) o recomendado para o consumo humano é de no mínimo 200 litros por pessoa/ano. Atualmente, no mundo são 7,2 bilhões de pessoas, com uma produção de 725 bilhões de litros de leite, o que permite um consumo de 100 litros/leite/ano por pessoa, exatamente a metade do recomendado. Neste contexto, há uma grande oportunidade de mercado a ser conquistado pelo setor.” (Aliança Láctea Sulbrasileira, 2015)

Ainda segundo a (Aliança Láctea Sulbrasileira, 2015)

“O sul do Brasil tem excelentes condições naturais (alto índice de chuva, sol o a no todo e produtor qualificado na produção animal) para produzir leite de alta qualidade com custo competitivo. Por isso, há necessidade de organizar a cadeia produtiva para se tornar mais eficiente e chegar a todos os mercados mundiais.”

A inserção de mais técnica é entendida como o principal elemento para o crescimento da atividade:

“O objetivo da Aliança Láctea Sulbrasileira é tornar a cadeia produtiva competitiva e exportadora, com qualidade do leite, reduzindo custo ao produtor, ampliando a sanidade animal, profissionalização dos agricultores a partir de assistência técnica e treinamentos. A meta é organizar as indústrias de lácteos para melhorar a logística e eficiência do setor e eliminar as diferenças tributárias dos Estados para impedir que o leite seja transportado desnecessariamente de um Estado para o outro correndo atrás de vantagens tributárias, o que gera custos ociosos.”

O surgimento das cooperativas e seu papel técnico normativo

Em entrevista com o Dr. Mario Lanznaster Presidente da Coopercentral publicada no jornal Folha de Chapecó, edição do dia 22 de Outubro de 2015 no Projeto SAC 49 Anos pelo jornalista Celso Nunes Moura (Jornalista Profissional SC 33 JP) é possível analisar vários trechos que associam a gestão e o investimento tecnológico como os eixos da expansão territorial da produção de leite no oeste de Santa Catarina, seguindo a idéia de especialização.

“A Coopercentral, Aurora Alimentos é hoje uma das principais processadoras de leite *in natura*, com distribuição do produto ou de seus derivados para os centros consumidores”.

“Nos últimos anos (desde 2007) a Coopercentral Aurora Alimentos aumentou a capacidade de processamento de leite para o oeste catarinense, na unidade de Pinhalzinho foi instalada com investimentos superiores a 20 milhões de reais para industrializar 700.000 litros da matéria prima. Uma antiga processadora de citrus foi adaptada para atender a grande demanda regional da produção e necessidade de processamento de lácteos. Na época a área de atuação da Aurora gerava 3,5 milhões de litros por dia, o conjunto de cooperativas instaladas na região eram responsáveis por 25% da quantidade produzida, ou no chamado “sistema cooperativista”.

Segundo informações cedidas no site oficial de comunicação da empresa toda essa infraestrutura será por mais de 14 mil produtores

associados as varias cooperativas integradas ao sistema, como a “Cooperalfa, CooperA1, Copérdia, Coperio, CooperAuriverde, Cooperltaipu, Cotrisal, Colacer, Coopervil, Camisc e Cotrel.

Segundo as empresas a gestão em cooperativas otimiza a capacidade de produção e elas se capilarizam pelo território mas muitas funcionam como intermediárias entre o pequeno produtor as grande agroindústrias.

“Essas mudanças realizadas pela gestão da cooperativa em atender as necessidades regionais em 2007 ampliou em 65% o total de processamento em relação ao ano anterior. Em 2007 havia alem da unidade de Pinhalzinho mais outras 5 unidades terceirizadas para o processamento da matéria prima e seus derivados, como queijo, bebidas lácteas entre outros. As unidades estão espalhadas pelo território de abrangência das cooperativas como em VARGEÃO/SC (unidade arrendada); queijo mussarela em GUARUJÁ DO SUL/SC (Laticínios Guarujá); leite longa vida em CONCÓRDIA/SC (Batávia) e CARAZINHO/RS (Parmalat) e leite em pó em FAZENDA VILA NOVA/RS (Nutrilat).”

No oeste de Santa Catarina a cadeia produtiva do leite é uma das principais fontes econômicas dos agricultores (as outras atividades vinculadas à agroindústria são de aves e suínos). Milho e soja também fazem parte dos principais produtos produzidos, e estes são para o consumo animal.

A EMBRAPA destaca que em 2010 mais de um quarto (26%, ou 1,35 milhões) das propriedades agroindustriais no Brasil tem como sua fonte de renda vinculada a atividade da produção do leite, refletindo a importância do produto no contexto econômico das famílias que tem no produto a principal ou única fonte de renda.

A produção mundial de leite em 2013, segundo dados da FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, publicados em maio de 2014, foi de 767,2 milhões de toneladas, 3,2% acima da produção média do triênio 2010/2012. A produção dos países em desenvolvimento, que cresceu 4,9%, foi à principal responsável por esse desempenho.

No Brasil essa instituição atua em conjunto com o Ministério da Agricultura. Segundo a FAO haverá um crescimento de 2,5% para os países em desenvolvimento e 1,6% para os países desenvolvidos. Podemos perceber que nos governos dos países que estão menos desenvolvidos as políticas para melhorar as infraestrutura são variadas, como o projeto do governo brasileiro “programa leite saudável” que visa atender o pequeno produtor de leite com

capacidade entre 50 a 200 litros diários, esse que vem justamente para o melhoramento na infraestrutura na cadeia produtiva.

O comércio mundial de lácteos em 2013 equivale a 67,9 milhões de toneladas. Para 2014, a projeção da FAO de maio 2014 é de 1,8% sobre o volume comercializado no ano anterior. De modo geral, o maior volume da produção de leite está nos países onde o consumo de lácteos é alto, com a venda do excedente. A exceção fica com a Nova Zelândia, que em 2013 exportou 92% do que produziu e o Uruguai, que embora não tenha uma grande produção, também exporta mais do que consome e, em 2013, exportou 60% do volume produzido.

Os três maiores exportadores de lácteos, Nova Zelândia, União Européia e Estados Unidos, segundo a FAO, deverão aumentar suas exportações em 2014, respectivamente, em 3,6%, 2,6% e 3,0%.

A expectativa de crescimento das exportações está centrada no crescimento da demanda chinesa que continua aquecida, principalmente, por leite em pó e manteiga. A China deverá importar, em 2014, 13,3 milhões de toneladas em equivalente leite, 8% mais que o volume importado pelo país em 2013.

Em 2013, segundo relatório do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), 13 países produziram 466,3 milhões de toneladas de leite de vaca, equivalente a aproximadamente 480,2 bilhões de litros. Nos últimos três anos a produção desse conjunto de países cresceu, em média, 2% ao ano. Nova Zelândia, China, Índia e Argentina tiveram crescimento médio acima de 4% ao ano, seguidos por Brasil. Estados Unidos da América e União Européia com crescimento médio acima de 1% ao ano, os demais países tiveram leve crescimento.

A Federação Russa e o Japão tiveram redução da produção. Para 2014, a expectativa é de aumento médio de 2,8% sobre a produção do ano anterior. Os maiores aumentos esperados são para Nova Zelândia, Austrália, China e Índia.

O mercado internacional de lácteos teve procura elevada e baixos estoques em 2013. A produção dos principais exportadores não reagiu à forte demanda, principalmente, devido à seca na Nova Zelândia e nos EUA nos anos de 2012 e 2013. Conseqüentemente, os estoques reduzidos e a forte

demanda, especialmente da China, elevaram os preços dos lácteos no mercado internacional. Em 2013, a cotação do leite em pó integral na plataforma de vendas da Global Dairy Trade (GDT), por diversas vezes, ultrapassou a marca dos US\$5.000,00 por tonelada.

Em 2014 o mercado internacional esfriou. Depois do leilão de 15 de fevereiro as cotações do leite em pó integral tiveram sucessivas quedas, fechando em US\$3.088,00 por tonelada no dia 15 de julho.

Produção e mercado nacionais

A produção brasileira de leite está concentrada em sete estados brasileiros, elaborado pela MilkPoint a partir de dados coletados pelo IBGE. são em ordem maior produção Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Santa Catarina, São Paulo, Bahia que produziram o equivalente a 80,3% do total nacional, como mostra a tabela abaixo.

Dos últimos 35 anos percebe-se que a concentração da produção de leite mudou muito a sua dinâmica sobre todo o território nacional, as tabelas elaboradas pela Empresa MilkPoint aponta essas mudanças significativas.

Nas figura 4 e 5, a seguir tem um comparativo da produção no Brasil de 1980 a 2012, fica visível o aumento da produção em quantidade sobre o território nacional brasileiro e quais são os estados que se destacam na produção.

		Prod. (em mil litros)	Part. (%)
1º	Minas Gerais	3.218.337	28,8%
2º	São Paulo	1.844.122	16,5%
3º	Rio Grande do Sul	1.236.585	11,1%
4º	Goiás	914.992	8,2%
5º	Paraná	794.608	7,1%
6º	Bahia	573.686	5,1%
7º	Santa Catarina	540.404	4,8%
8º	Rio de Janeiro	360.084	3,2%
9º	Pernambuco	246.513	2,2%
10º	Espírito Santo	246.164	2,2%

Figura 4: Ranking dos estados produtores de leite no Brasil em 1980.

Fonte: MilkPoint.

No panorama nacional Minas Gerais sempre esteve no topo da produção nacional, alguns estados passaram a produzir mais proporcionalmente em relação outros, como o caso do estado de São Paulo que reduziu em mais 11% a sua produção, isso não significa que passaram a produzir menos em litros, e sim que os outros estados passaram a competir investindo pesado em técnicas de produção, aumentando assim sua capacidade produtiva.

Da para se afirmar que a cadeia produtiva do leite passou o ocupar novos *fronts* e intensificar, fortificar os *Belts*, processo que ocorreu em vários setores econômicos agrícolas. Como afirma Santos e Silveira (2010)

“Trata-se, assim, da produção de uma nova geografia feita de *belts* modernos e de novos *fronts* no Brasil. Esses Belts são, por vezes heranças e cristalizações de *fronts* próprios de uma divisão territorial do trabalho anterior, áreas que, ocupadas em outro momento, hoje se densificam esse tecnificam. Neles amadurecem as inovações de ontem e chegam outras, próprias do período, para criar novos arranjos, com resistência e a cooperação das rugosidades do lugar.”

No caso do leite, passa a se “cristalizar” nos territórios onde já existia e com a introdução das técnicas, da ciência e da informação explica o rearranjo e uma nova dinâmica da cadeia produtiva, segundo Silva e Silveira (2010).

Na figura 5 a seguir temos os estados que na atualidade se destacam diante do cenário nacional atual.

		Prod. (em mil litros)	Part. (%)
1º	Minas Gerais	8.905.984	27,6%
2º	Rio Grande do Sul	4.049.487	12,5%
3º	Paraná	3.968.506	12,3%
4º	Goiás	3.546.329	11,0%
5º	Santa Catarina	2.717.651	8,4%
6º	São Paulo	1.689.715	5,2%
7º	Bahia	1.079.097	3,3%
8º	Mato Grosso	722.348	2,2%
9º	Rondônia	716.829	2,2%
10º	Pernambuco	609.056	1,9%

Figura 5: Ranking dos estados produtores de leite no Brasil em 2012.

Fonte: MilkPoint

Nos últimos dez anos a produção brasileira cresceu em média 4,1% ao ano. No mesmo período observou-se um crescimento mais acentuado nos

estados do sul do País. Nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul a produção cresceu acima da média nacional, respectivamente 8,6%, 7,2% e 5,7% ao ano. Nos estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás a produção cresceu abaixo da média, respectivamente 3,7%, 3,7% e 3,6% ao ano. Os dados são do IBGE – Produção Pecuária Municipal

É importante ressaltar que os números alteram de um ano para o outro devido a alguns fatores regionais como condições do tempo, e o aumento ou a redução de investimentos feitos pelos produtores.

Algumas mesorregiões predominam quando se trata de quantidade do produto produzido, como o sul de Minas Gerais, Goiás e a mesorregião da fronteira de Mercosul, o mapa a seguir (figura 6) transparece nitidamente esses dados. Uma dessas regiões altamente produtivas é a que está sendo observada e analisado as suas mudanças sobre aquele território, quais as reconfigurações que foram provocadas ao longo do tempo (últimos 60 anos aproximadamente e como se encontra na atualidade, 2015)

O mapa a seguir trás as diferentes densidades de produção de leite sobre o território nacional.

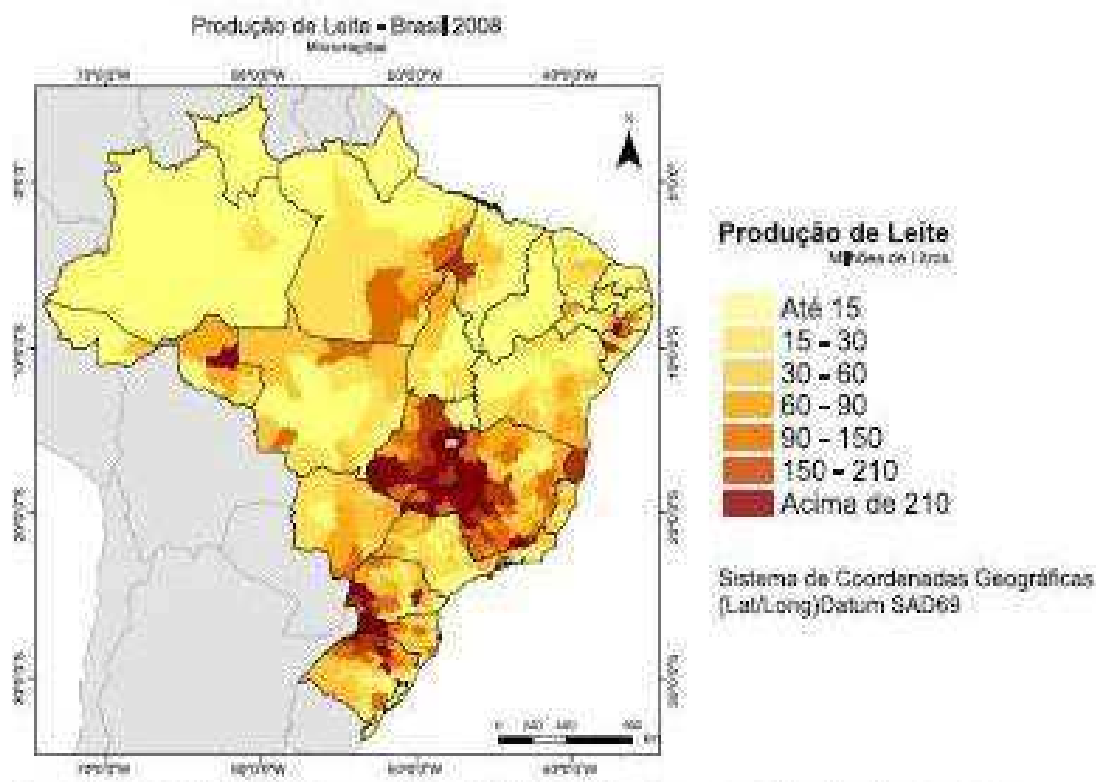


Figura 6: Distribuição espacial do leite no Brasil, em 2008.

Fonte: Revista pecuária de leite.

A partir da análise a figura 6 e 7 pode-se afirmar que, a produção intensiva do leite não ocorre de forma homogênea sobre todo território Brasileiro, e sim, a intensidade em poucas regiões, em outras havendo Vazios de produção.

Em relação à quantidade de produtores encontrados sobre o território podemos chegar a algumas breves conclusões como o mapa a seguir mostra.

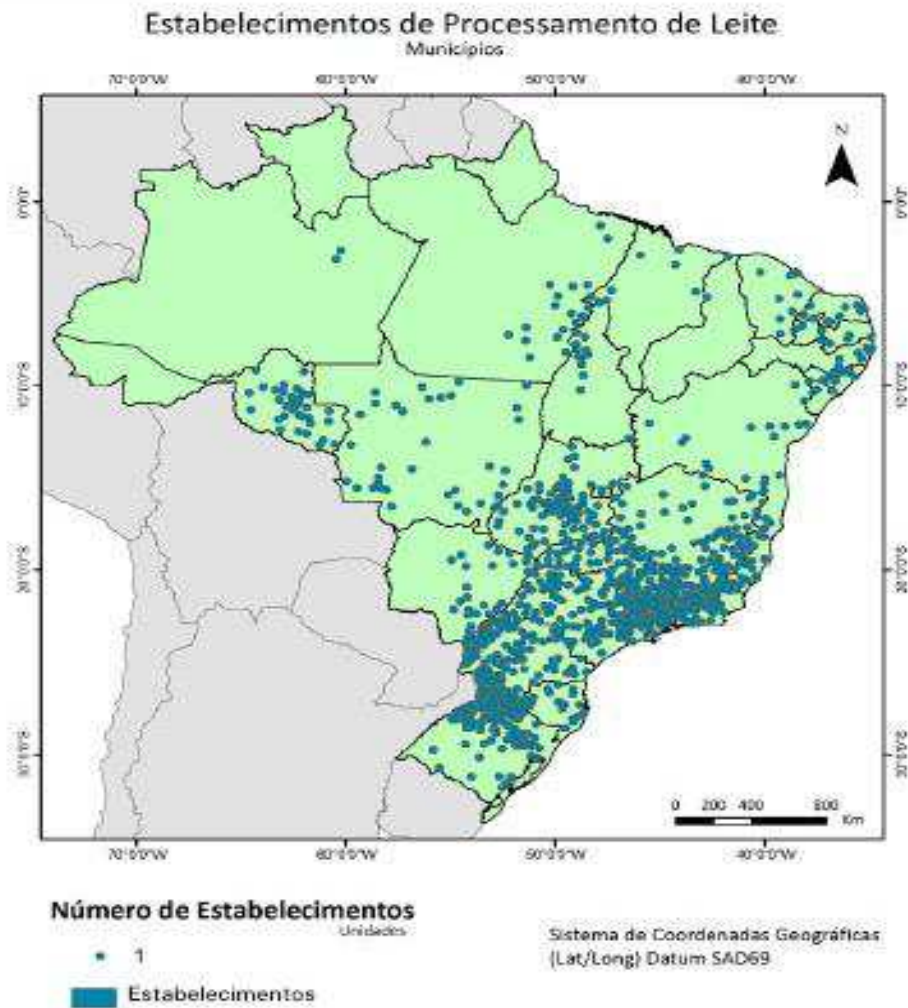


Figura 7: Distribuição geográfica dos estabelecimentos e processamento de leite no Brasil, em 2010.

Fonte: Revista Pecuária de Leite.

Podemos com isso concluir que sobre as duas regiões que mais produzem uma delas (sul de Minas Gerais e Goiás) tem-se a presença de menos produtores, mas com uma alta produção, conclui-se a partir dos dois mapas que em media são poucos e grandes produtores de leite. Já na mesorregião da fronteira do Mercosul a densidade de produtores é grande também, com isso conclui-se a partir dos mapas que a possibilidade da agricultura familiar estar presente é bem grande.

PRODUÇÃO SUL BRASILEIRA

Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul produzem aproximadamente 10,8 milhões de toneladas de leite por ano e as previsões indicam que esse número deve chegar a 19 milhões até 2020 (previsão apresentada no seminário sulbrasileiro do leite). Esse total da produção na região dentro do contexto nacional é equivalente a um terço do total nacional segundo como podemos observar na tabela do ranking nacional dos estados produtores do leite.

PRODUÇÃO E MERCADO ESTADUAL DE SANTA CATARINA

O estado de Santa Catarina é responsável por 25,30% da produção regional sul brasileira. Lembrando que somente a 13% do rebanho total nacional de todo gado, se comparado com a região centro oeste que possui 33,6% do rebanho nacional (PPM, 2013). Esses dados comprovam que a ênfase no sul do Brasil é o uso do gado para produção de leite, e não para gado de corte como na região centro oeste.

A atividade vem ganhando espaço em Santa Catarina e se mostra uma importante fonte de renda para mais de 50 mil famílias do meio rural. Atualmente o estado de Santa Catarina é o quinto maior produtor nacional de leite. Entre 2000 e 2013, o aumento na produção foi de 190%, muito acima da média nacional. O Estado, que antes respondia por 5% do leite produzido no País, passou a ser responsável por 8,4% de todo o leite brasileiro (IBGE). Segundo o IBGE – Produção Pecuária Municipal, a produção catarinense de leite de vaca, em 2012 foi de 2,7 bilhões de litros, apresentando um crescimento de 7,4% sobre a produção alcançada no ano anterior. Para 2013, os dados preliminares do LSPA/GCEA indicam um crescimento da produção da ordem de 5,8% em relação a 2012.

Ainda segundo o IBGE é possível perceber que as variações climáticas tem sido uma questão recorrente em termos de produtividade o que leva a busca de sistemas de produção de confinamento como o Free Stall.

“Depois da estiagem que assolou Santa Catarina em 2012, derrubando a produção de leite no segundo semestre, a produção leiteira em 2013 demorou a se recompor. Em 2013, também foi um

ano em que o clima prejudicou o desenvolvimento das pastagens. Dependendo da época e da região ocorreram estiagem, excesso de chuva e temperaturas muito baixas no inverno e muito altas no verão (ver página 174). Nos meses de março a agosto de 2013, a captação de leite ficou abaixo do volume captado no ano anterior. Além disso, nos meses de outubro, novembro e dezembro, o índice de captação declinou, quando o normal seria manter o volume de leite captado acima de 6.500litros/dia pelo menos até dezembro.” (IBGE, 2014).

Continua ainda a questão climática:

“Da mesma forma, o que aconteceu em 2013 se repetiu no primeiro trimestre de 2014. O calor intenso e as chuvas mal distribuídas no início do ano apressou o fechamento do ciclo das pastagens deverão, alongando o período de vazio forrageiro, com reflexo direto na captação de leite. Pode-se dizer que a captação de leite pelas indústrias catarinenses voltou ao normal somente a partir do segundo trimestre.”

O oeste de Santa Catarina é a região que mais produz leite por km² do território brasileiro como podemos observar as figuras 8 e 9 apresentados a seguir.

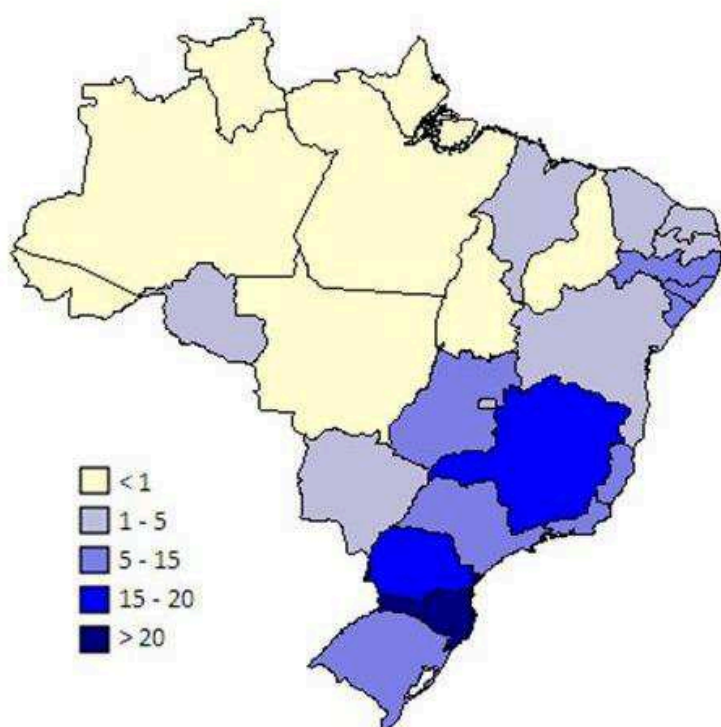


Figura 8: Produção de leite (em litros) por km² nos estados brasileiros.

Fonte: IBGE; **Elaboração:** MilkPoint.

Conforme o mapa anterior (figura 8) o estado de Santa Catarina é o único estado que produz mais de 20 mil litros de leite por Km² diários. A partir desse dado, percebemos a importância da produção sobre o território.

Desse contexto estadual outro mapa com importância similar aponta qual a região de concentração dessa produção. A imagem abaixo mostra o mapa da concentração estadual que foi apresentada no Seminário Sul Brasileiro do Leite em outubro de 2015. Percebe-se que a concentração da produção e os maiores investimentos estão na grande região oeste. No seminário foram discutidas as várias realidades presentes no contexto envolvendo a produção de leite como a venda, valores, fraudes, as perspectivas para o futuro entre outros temas.

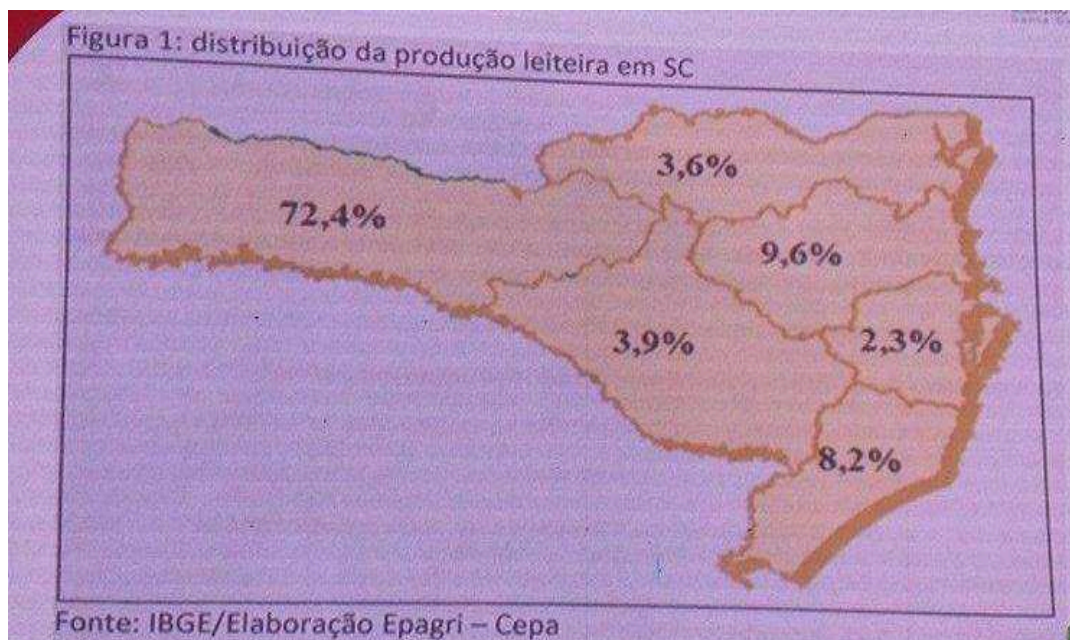


Figura 9: Mapa da produção de leite no estado de Santa Catarina, por regiões.

Foto: Cleone Stülp, 2015.

Segundo Duarte, pode-se dizer que “a cadeia produtiva do leite reagiu positivamente às turbulências ocorridas no período estudado, com a produção aumentando regularmente a cada ano e com a Região Oeste, cada vez mais, assumindo a posição de maior produtora do Estado”. (Duarte, 2000).

- 3 -

Elementos da conformação do território como abrigo a partir da produção do leite no oeste de Santa Catarina.

- 3a -

Processos de (des)(re)territorializações

O oeste de SC é caracterizado por recente migração de descendentes de imigrantes italianos e alemães a partir do RS em direção a Chapecó.

Esta migração se dá neste contexto de (des)(re)territorializações (Haesbaert, 2004).

No processo de territorialização devido a diversos fatores culturais políticos muitas famílias conservam suas culturas de origem seja pela língua seja pelas manifestações culturais tais como os Centros de Tradição Gaúcha.

O caso da família Stülp se insere neste contexto de migrações.

O município de Itapiranga - SC foi emancipado de Chapecó – SC em 14 de fevereiro de 1954, mas seus primeiros moradores se instalaram na região em 1924 na comunidade de linha Chapéu segundo uma conversa que tive com uma das pioneiras em um trabalho de sociologia no ensino médio, ela relatou essa questão, que nos documentos apresenta a data de 1926 como o início da colonização do município. Vários estudos acerca da colonização de porto novo foram realizados, dentre eles destaca-se o prof. Paulino Eidt.

Segundo relatos de vários moradores colonizadores da região Nos primeiros anos dos primeiros pioneiros em “Porto Novo” foram baseados na retirada da cobertura vegetal, extração de madeira que era a base econômica regional do período do início da colonização. Os produtos alimentícios consumidos na época eram praticamente todos produzidos pelos próprios colonizadores que mantinham sua roça e suas criações.

Os colonizadores foram trazidos pelas empresas responsáveis por trazer novos moradores para desenvolver economicamente a grande região. A propaganda de que as terras da nova colônia eram um sonho de consumo para aqueles que queria prosperar economicamente, como relata o folder da propaganda para atrair os agricultores.

Volkvereinskolonie Porto Novo

Schmalz, Tabak, Tee,

sind die Hauptprodukte der alten Kolonie in altem Land.

Schmalz, Tabak, Tee,

Zucker, Kaffee, Tropenfrüchte,

sind die Hauptprodukte von Porto Novo in neuem Land.



Porto Alegre

ist Absatzmarkt der alten Kolonie.

Porto Alegre, Uruguayana, São Francisco (Meerhafen)

ist Absatzgebiet von „PORTO NOVO“.



Die alte Kolonie hat die Gegenwart. Sie ist noch gut.

PORTO NOVO

hat Gegenwart u. Zukunft, sie ist schon gut u. wird täglich besser.

Für Schule und Kirche ist bekanntlich bestens gesorgt.

Wähle was Dir dient!

Bedingungen: Die Kolonie von 25 Hektar kostet 3:300\$000, und ist mindestens 1:000\$000 gleich anzuzahlen, während der Rest, je nach Uebereinkunft mit der Direktion in Porto Alegre, getilgt wird. Bei Barzahlung 10% Rabatt, somit **2:970\$000 pro Lote von 25 ha.** Vereinsmitglieder erhalten für das erste gekaufte Kolonielot 25\$000 und für jedes weitere 5\$000 Nachlass.

Fahrplan: Interessenten reisen über S. Barbara, wo sie Mittwochs eintreffen, mit dem Caminhão sofort weiterbefördert werden. Hin- u. Zurückfahrt per Caminhão kostet 70\$000, welche bei Barbezahlung oder auch Anzahlung des gekauften Landes, zurückbezahlt wird. **DIE ZENTRALLEITUNG,** Porto Alegre, Praça Visconde Rio Branco (Bombeiros) Nr. 155

Figura 10: Folder da propaganda para atrair os agricultores (1929).

Fonte: Blog-História local Porto Novo.

Na propaganda elaborada na época pela empresa colonizadora traz a região da atual Itapiranga como um local prospero, ato para produzir schmalz (banha), tababak (fumo/tabaco), tee (referencia a erva mate), zucker (açúcar de cana), kaffe (café), Tropenfrüchte (frutas tropicais), esses seriam os principais produtos a serem economicamente viáveis na nova colônia de porto novo. No inicio do século XX, por volta da década de 1920 e 1930 não havia menção a

criação de animais, apenas a banha (derivado da gordura Suína) e desenvolvimento econômico a partir de vegetais

Essa propaganda acima era do período antes de 1930 quando houve a crise do café no Brasil e após o discurso muda um pouco se referindo de como as terras são baratas e cada região tem um preço diferente, conforme a localização de época como o folder abaixo apresenta e escrita.

St. Paulo-Zeitung — Juni 1930

VOLKSVEREINSKOLONISATION

PORTO NOVO

!!! Noch nie dagewesen und einzige Gelegenheit !!!

Nur 400 Kolonielose

werden von der Volksvereinskolonie mit **zehnjähriger** Besiedlungsfrist jetzt vermessen werden. Wenn der Zugang zu diesen Ländereien soweit vorgeschritten ist, dass er eine Besichtigung ermöglicht, wird an dieser Stelle ein Aufruf an die Interessenten erfolgen. Anzahlungen u. Auszahlungen können schon jetzt gemacht werden. Die Auswahl wird alsdann in der Reihenfolge, entsprechend dem Datum der Zahlungen, beginnen. — Anzahlungen mindestens **1 Conto** pro Kolonielos. — Zahlungen werden auf allen Volksvereinsparkassen entgegengenommen.

Ferner liegen **noch** in der bereits **vermessen** Zone mit **zweijähriger** Besiedlungsfrist

488 Kolonielose

zum Verkauf frei. In den Linhas Poná, Chapéu, Capella, Fortaleza, Jaboticaba, Hervalzinho, Dourado, São Miguel, Popi, Cotovello und Santa Fé ist der Preis 3:300\$000. Bei Barzahlung nur

2:970\$000

In den Linhas Macuco-Catres beträgt der Preis pro Quadratmeter 020 Réis und in den Linhas Larangeira-Bahú 022 Réis. Bei Barzahlungen werden hier ebenfalls 10% Rabatt gewährt. Weitere Informationen erteilen die Zentrale des Volksvereins in Porto Alegre und alle übrigen bereits bekannten Stellen.

DIE ZENTRALLEITUNG

Figura 11: Propaganda para atrair imigrantes para a colônia de Porto Novo, atual Itapiranga SC, após 1930.

Fonte: Blog-História local Porto Novo.

Na figura 11 quando feita a tradução de algumas partes, Linha Poná, Linha Chapéu, Sede Capela (comunidades ao longo do rio Uruguai), Fortaleza,

Jabuticaba, Hervalzinho, Dourado, Popi, Cotovelo (ao longo de afluentes do rio Uruguai) e Santa fé (divido em alta (onde minha família vive) e baixa (perto do rio Uruguai). 488 colônias a serem ocupadas por alemães católicos, dentre elas nas atuais comunidades que possuem ainda o mesmo nome, como na linha Catres (Mondai) - Macuco (São João do Oeste), nessa região os lotes eram mais baratos, Já nas comunidades próxima a cidade os lotes são um pouco mais caros, como na Linha Baú e Laranjeira.

Em vários momentos em conversas informais (não registradas) com minha avó foi relatado que a propaganda para ir trabalhar nas novas terras era extremamente atrativo devido a terra ser muito produtiva, mas que quando chegaram nela eles viram que a situação era totalmente diferente. Com o otimismo de construir uma nova vida na região eles vendiam tudo o que tinha no Rio grande do Sul e vieram. No caso da minha avó que veio pra cá quando já era casada com dois filhos não foi diferente. Elza relata que venderam tudo que tinham, deixaram o comercio que tinham em Santa Cruz do Sul-RS para vir as prometidas terras, isso no ano de 1953, um ano antes da emancipação política administrativa de Itapiranga.

Relatam das dificuldades que passaram no inicio, pois tiveram que limpar a terra na época, preparar a roça (manual ou tração animal), a distancia com o centro urbano era outro agravante, uma vez que as estradas eram estreitas e não pavimentadas e a disponibilidade de produtos não era abundante.

Atualmente (2015) o município possui 15.409 habitantes distribuídos em uma área de 282,708 km² (IBGE). Sua base econômica está ligada diretamente as agroindústrias que precisam de matéria prima, mão de obra (aves e suínos), junto com a produção de leite.

Elementos da trajetória da família

A busca de um território como abrigo e como recurso

Este item é escrito a partir de entrevista com meus pais Antonio Edvino e Marlene Babick: historia das mudanças que ocorreram na propriedade

Casados há 29 anos com seis filhos sendo que dois vivem em função da agricultura. Quando casaram em 1986 moravam no interior de Itapiranga na comunidade de linha Rikia e em 1992 se mudaram para a propriedade onde residem atualmente. Antônio já trabalhava com vacas leiteiras antes de casar, isso um ano antes, pois já morava no que seria por alguns anos a propriedade de inicio da construção da família.

Antonio nasceu no município de Sinimbu – RS no ano de 1960 e aos seis meses de idade a família dele migrou do Rio Grande do Sul para a vila Tunas (atualmente município de Tunápolis) na época distrito do município de Itapiranga. Um ano antes do casamento já trabalhava nas terras do que seria durante quase sete anos o local de moradia e constituição da família (quatro primeiros filhos). Nesse período antes do casamento já se dedicava no cultivo de fumo e possuiu as primeiras vacas para produção de leite. Na lavoura além do fumo também plantava milho para alimentação dos porcos e do gado que tinha na época.

Marlene nasceu em 1965 no município de Itapiranga –SC, uma vez que seus pais já estavam morando lá há vários anos. Teve sua infância toda na comunidade que após o casamento ficaria morando até 1992 quando se mudaram para a propriedade onde vivem atualmente, deste jovem sempre esteve em função do trabalho na propriedade, mas somente começou a trabalhar com vacas leiteiras depois do casamento.

O casamento foi um momento de decisão para o jovem casal, que tinha que escolher qual seria a fonte de renda familiar e com essa renda pagar a dívida da terra e dos poucos equipamentos de tração animal comprados para preparar as colheitas das plantações e alimentar os bichos.

Nos primeiros anos após o casamento mantinham sua fonte de renda provindas do fumo, porcos e leite, esses produtos na época foram vendidos para a cooperativa local na qual ele era associado.

Devido ao terreno muito íngreme onde trabalham até então passaram a procurar por um outro terreno e após olhar em vários lugares acharam o local onde vivem hoje. Já na primeira visita fechou negocio, pois lá tem ares de vários hectares que poderiam com o passar do tempo ser maquináveis e a sua proximidade com a cidade interferiu um pouco para fechar o negocio.

Até 1998 o fumo era a principal fonte de renda da jovem família e vendo que a renda provinda do leite era maior e dava menos trabalho, era um trabalho “não tão judiado”, então decidiram parar totalmente com a plantação de fumo. De 1985 a 1998 quando pararam de plantar fumo o plantel de vacas havia aumentado em alguns animais.

Lembro que quando foi instalada a máquina para a ordenha das vacas já havia em torno de aproximadamente 8 delas produzindo. Logo após desse período ao plantel passou a aumentar anualmente conforme as novilhas iam nascendo, e alguns animais foram comprados para aumentar o plantel e a produção, uma vez se antes demorava bem mais de uma hora para ordenhar, com a ajuda dos filhos que faziam a ordenha das vacas mais mansas e depois esse tempo se reduziu para de meia hora com uma só pessoa manuseando o equipamento.

Houve outras atividades complementando a renda nesse meio período até os dias atuais, como a plantação de laranja (1993 a 2006), na plantação de laranja não foi dada seqüência pois todo o trabalho era manual o que exigia muito esforço físico e que machucava muito devido os espinhos nas arvores. A mandioca teve um ciclo curto, foram somente durante dois anos de produção, uma vez que na época da colheita também machucava muito, pois tínhamos que arrancar varias toneladas em alguns dias. Já os suínos participaram da fonte de renda durante muitos anos, desde o casamento até 2009, uma atividade que durante vários anos seguidos deram bons lucros para a família e que foi parado devido às exigências sanitárias e de uma construção física somente para esses animais, o que exigia altos investimentos na época.

Na família do pai de seu Antonio (meu avô) já se usava as vacas para produzir leite e aumentar a renda familiar, e a introdução de animais de melhor

qualidade ocorreu a partir da importação de algumas vacas vindas do Uruguai, e de semens de “melhoramento genético” visando aumentar a produção por animal.

O medico veterinário Stefanello foi uma peça importante para o desenvolvimento da atividade leiteira na região, pois ele cumpria o papel de técnico e repassava as informações de como trabalhar e melhorar a capacidade produtiva do produto que alguns anos após se começava a destacar na economia local e regional.

Lembro que quando eu ainda era criança foi instalada a primeira máquina para facilitar na ordenha dos animais que na época era composta por aproximadamente 8 animais, isso ocorreu por volta de 1996. Atualmente o plantel é de 20 animais produzindo, podendo variar conforme o período de lactação e quando todas estão produzindo o plantel chega a 25 animais na lactação. Antonio relata que o período que ficou associado na Cooperita (comprada pela Cooper A1, integrado das cooperativas da Aurora) teve inúmeras vantagens na compra de produtos, insumos e na venda da produção da propriedade, essa que disponibilizava um técnico somente na área da atividade leiteira (melhorias na produção e técnicas de manejo).

A assistência técnica prestada pela cooperativa era um incentivo para cada vez mais cuidar melhor de todos os animais, uma vez que para ser ter ótimas vacas o cuidado era desde o nascimento de uma novilha.

Outro “incentivo” dado pela cooperativa era uma feira “Show Agropecuário Cooperita” que era uma feira onde tinha as novidades para o campo onde os associados expõem as novilhas que faziam parte do plantel, geralmente eram os jovens e as crianças que desfilavam cada um com seu animal. Na casa de meus pais quem queria desfilarmos com uma novilha é que tinha que cuidar dela, dando assim uma atenção especial não somente a uma, mas a todas as novilhas da propriedade. Esse evento realizado pela cooperativa ocorreu em 2001, 2002 e 2003. As feiras de modo geral são espaços de transmissão de conhecimentos e de novidades.

A propriedade onde residem atualmente é composta por 16 hectares de terra onde no último ano conseguiram uma media mensal de aproximadamente 8 mil litros.

Os investimentos feitos na propriedade ao longo dos anos estavam sempre atrelados principalmente ao aumento da produção leiteira.

Muitos momentos ao longo desse caminho percorrido até os dias atuais foram de muito sacrifício, pois como o produto não tem preço mínimo que o valoriza pode ocorrer que de um mês para o outro o produto desvalorize muito. Quando eu era bem nova me lembro que uma época o leite era muito desvalorizado, chegando a receber um valor de R\$: 0,14 (quatorze centavos o litro).

No ano passado com a fiscalização do ministério publico muitos produtores perderam de um mês para o outro mais de R\$: 0,20 (vinte centavos o litro). Para um produtor que em media tem 10000 litros mês, a perda chega a ser de mais de R\$: 2.000,00. Vinte centavos parece pouco, mas quando somados a toda produção esse valor pode ser decisivo na hora de decidir se continua investindo na atividade ou não.

Outro tipo de perda comum entre os agricultores é o próprio capital, quando um animal fica doente ou algo acontece e não tem como recuperar, fato que vi muitas vezes acontecer na propriedade, lembro que num período de três meses perdemos três animais, transformando eles em valores isso foi uma superior a R\$: 5.000,00 na época, pois dois desses animais tinham um produção media superior das vacas.

O ultimo investimento para melhorias na infraestrutura foi feito no ultimo mês de setembro foi adquirido um trator para facilitar nos diversos trabalhos e atividades diárias na propriedade (figura 12), esse financiado pelo programa do governo federal “Programa Mais Alimentos” da safra 2015/16. Maquina e seus implementos nas fotos abaixo.



Figura 12: Trator adquirido e família (pai, mãe e irmão mais novo).

Foto: Carlos A. Stülp, 2015.



Figura 13: Um dos implementos para o Trator, nesse caso um carretão caçamba

Foto: Carlos A. Stülp, 2015.

Outros implementos fazem parte da aquisição, como um reservatório de água pra levar até as pastagens onde o gado encontra-se, um cortador de grama/fორragem baixa para produção de feno.

Em uma conversa recente com meu pai, ele relata a possibilidade de num futuro fazer investimentos para o aumento da produção, esse investimento seria a construção de um galpão de abrigo para os animais quando os extremos, as intempéries da natureza estariam em ação, como excesso da chuva, períodos de muito calor que são momentos que a queda da produção é visível, pois o alimento que o animal usava para produção de leite é convertido em energias para defesa do organismo do animal. Esse galpão servirá também para as refeições diárias feitas a base de silagem e ração, pode-se chamar essa possível futura instalação de “*pré Free Stall*”.

O programa mais alimentos promovido pelo governo federal pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) é usado por muitos agricultores como recurso para os investimentos e melhorias nas propriedades rurais que produzem alimentos. O programa foi criado para beneficiar os produtores da produção primária feito pela linha de crédito do Pronaf (Programa Nacional da Agricultura Familiar) que financia investimentos em infraestrutura produtiva da propriedade familiar (Ministerio do desenvolvimento Agrário).

Entrevistas com outras famílias

As entrevistas realizadas no interior do município de Chapecó entre os dias 29 e 30 de outubro de 2015. Essas conversas tem o objetivo de ouvir qual a real situação pela qual os agricultores estão passando no atual momento e qual o ponto de vista deles da produção da atividade leiteira em comparação as outras atividades regionais. Houve indicação de um técnico da epagri para visita nessas propriedades.

As perguntas estão baseadas em um breve histórico da propriedade. 1) a quanto tempo está usando a atividade leiteira como fonte de renda para a família. 2) se possui uma outra atividade como fonte de renda para a família. 3) a manutenção dos implementos agrícolas utilizados para a manutenção da propriedade nessa atividade diante do cenário mundial (desvalorização do real em relação ao dólar). 4) Qual o ponto de vista do produtor em relação a cadeia

produtiva do leite. 5) As perspectivas da família no setor para o futuro. 6) Como ele se imagina como ele mesmo produzindo leite, uma frase que identifica o entrevistado.

Entrevista família de Jair Carlos Rovani e esposa

A família de Jair Rovani é composta por ele sua esposa e dois filhos, um rapaz de 20 anos (cursando o técnico agrícola na escola em Xaxim) e uma menina de 13. O rapaz mesmo cursando um curso técnico rural não pretende continuar a trabalhar na propriedade do pai, prefere ir pra cidade e fazer um outro curso e a menina ainda não tem planos do que pretende fazer no futuro. Nessa propriedade foi transferido a instalação do sistema de pastagens para o sistema “*Free Stall de cama*”, desde 2011. A família diz estar satisfeita com os resultados obtidos. A nova estrutura que abriga os animais e os implementos foram financiados pelo programa do governo federal “Mais Alimentos”. Jair conta com a ajuda de um casal nos afazeres da propriedade, uma vez que esse sistema de produção exige uma atenção maior e um controle mais rigoroso para manter toda a infraestrutura da propriedade.

No dia da entrevista estavam confinados 54 animais em lactação no galpão mas que na sua propriedade possui aproximadamente 120 animais no total, propriedade composta por 48 hectares de terra.

A dedicação para manter a infraestrutura e a qualidade do produto é grande, uma vez que essa é quase a totalidade da renda familiar outra parte da renda vem da venda de pasto (feno) para alimentação de animais.

Quando veio morar em Chapecó 1989 começou a trabalhar somente com aves e em 1992 começou a trabalhar com gado leiteiro que então complementava a fonte de renda familiar. Em 2012 optou por parar com as aves e se dedicar exclusivamente ao cuidado com as vacas e a produção do leite. Com as novas políticas do governo e o interesse em aumentar a produção ele instalou o sistema de produção de leite com o gado confinado onde passou a dobrar o plantel e a quantidade produzida.

Entrevista Marcelo Luzzi e Lenira Aparecida Tormen Luzzi

Na propriedade da família Marcelo Luzzi e Lenira Aparecida Tormen Luzzié composta pelo casal e dois filhos, uma menina da 13 anos e um menino de 2 anos. Em conversa com a esposa, Lenira relata que ela começou a trabalhar na atividade do leite quando se casou a 12 anos atrás, na época o irmão de Marcelo, seu Marcos morava na propriedade e quando ele casou foi dividida a propriedade e ambos continuaram na atividade leiteira, os animais foram divididos cada um ficou com a metade do rebanho. Assim ambos atualmente tem como parte da fonte de renda provinda da atividade leiteira. Marcelo e sua esposa então planejando sair do setor devido a dificuldade na manutenção da infraestrutura e trabalhar mais com a produção de grãos, uma vez que quem cuida diariamente é a esposa, o marido trabalha com as maquinas e implementos para quem necessita de serviço, além de cuidar da sua propriedade e áreas arrendadas para plantar soja e milho principalmente. A produção da propriedade está em uma media mensal de 16 mil litros em um plantel atual de 24 animais, lembrando que tem meses onde a produção é bem superior a essa quantidade.

Ao longo dos anos a propriedade passou por significativas mudanças, destaca que quando ela começou a trabalhar lá toda ordenha era feita manualmente e no momento ele está mecanizada, na lavoura os implementos também foram modernizados após o financiamento de algumas máquinas pelo “**programa mais alimentos**” do governo federal. Lembra que há muitos anos atrás dava mais lucros vender o leite direto para o consumidor na cidade, e no momento essa necessidade não existe mais.

Lenira relata que nos últimos tempos o custo de manutenção aumentou muito, os insumos utilizados na propriedade ficaram caros no ponto de vista dela. Outra questão que desanima os produtores no ponto de vista dela é a pouca valorização do produtor de leite, o agricultor de modo geral e afirma que uma maior presença de técnicos também contribuiria para um maior otimismo. Pergunto que se o produtor fosse mais valorizados tanto por parte das empresas e dos órgão públicos se iriam continuar no setor, ele responde com firmeza que muito provavelmente nem fariam planos de migrar para outra atividade.

Lenira sustenta que a explosão do setor ocorreu devido aos bons lucros proporcionados do produto ao produtor, “começou a dar dinheiro, todos começaram a trabalhar com vacas de leite e o que se tornou uma ótima fonte de renda e isso mantém muitos dos agricultores nesse setor.

Entrevista Marcos A. Luzzi e Suzeli Luzzi

A família de Marcos e Suzeli e seus dois filhos uma de 5 anos e um de 5 meses. Ajudam o casal nos serviços da propriedade um peão direto e de uma ajudante temporária devido as necessidades da oferta de trabalho da propriedade.

Nessa propriedade foi transferida a instalação do sistema de pastagens para o sistema de confinamento de gado do “*Compost Barn*” (cama de serragem) desde abril de 2015 e estão passando pelo período de adaptação dos animais da pastagem para o confinamento. As mudanças estão ocorrendo devagar por vários motivos como drenagem ao redor do galpão e pastagens que ainda existem na propriedade. Com um controle mais rigoroso para manter toda a infraestrutura da propriedade o casal contratou trabalhadores para ajudar nas tarefas.

No dia da entrevista estavam confinados 37 animais em lactação e novilhas para reposição do plantel. A propriedade composta por 12 hectares de terra mais outros 12 hectares arrendados nas redondezas, isso para produção de grãos.

A necessidade de ter uma renda e o gosto de trabalhar com vacas de leite inspirado principalmente pelo marido mantém eles na lida com os animais, pois nos últimos tempos o custo de manutenção no setor aumentou muito, fato que está desanimando para a continuidade do casal e relata que outros incentivos deveriam ser dados para o agricultor de modo geral como assistência técnica maior, mais benefícios governamentais, esse segundo ela é o mais essencial, pois sem incentivo e recursos públicos poucos iriam continuar produzindo alimentos.

O novo galpão foi financiado pela política de produção de alimentos do governo federal, o “**Programa Mais Alimentos**” e que deseja que os olhares se voltem para a política de valorização dos produtores de alimentos, caso

contrário muitos deixarão de produzir alimentos para ir trabalhar na cidade, pois no momento ela se sente angustiada trabalhando em um sistema político que ainda pouco valoriza os produtores de alimentos.

“Quando se faz algo que é valorizado, existe uma empolgação para produzir, e com a valorização o otimismo é maior” relata Zuzeli.

As entrevistas com as famílias mostram que estas estão no limiar entre a busca do território como abrigo viabilizado pelo recurso.

Percebe-se também que há em todas as famílias uma perda da diversidade passando por várias etapas até chegar a um só produto ou dois.

Muitos reclamam da falta de valorização e principalmente dos aumentos dos custos derivados das mudanças tecnológicas.

E outros já estão migrando para outra especialização a produção de grãos – soja e milho – destinado em grande parte para produção de ração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

ACERCA DE TERRITÓRIO COMO ABRIGO E TERRITÓRIO COMO RECURSO A PARTIR DA PRODUÇÃO DE LEITE E DIÁLOGOS EDUCACIONAIS

Os diversos usos dos territórios podem ser abordados a partir de suas ênfases abrigo e recurso.

Percebe-se que do ponto de vista das empresas o território é muito mais recurso sendo estudado e produzido a partir das noções de aumento de produção e da concentração.

Já a partir das famílias há a necessidade de trabalhar as noções de abrigo e recurso conjuntamente uma vez que o local de produção é o mesmo que o local de moradia e reprodução da vida.

Nos depoimentos das famílias percebe-se que há por parte do Estado e das empresas um direcionamento no que será produzido em cada região e que este processo tem levado a uma perda da diversidade – os pequenos tornam-se especializados verticalmente, isto é, a partir de demandas de mercado que compõem um circuito internacional de produção.

Desta forma é possível perceber que o território será organizado de diferentes maneiras segundo estas perspectivas. O que leva a conflitos entre estes interesses.

Os tipos de tecnologias são produzidos para que o agricultor produza muito do mesmo e para isto é necessário maquinário adequado para que a renda seja possível.

É possível perceber que quanto mais se especializa maior a quantidade que terá que ser produzida causando lesões e machucados. Isto significa que a monocultura demanda mais tecnologia específica e que esta deve mudar a cada reestruturação produtiva e todo campo tem de certa forma que acompanhar. Os que não conseguem se inserir nos processos de reestruturação através de subsídios governamentais e integração com grandes empresas acabam deixando a atividade no campo.

Este trabalho tem caráter acadêmico ao trazer alguns conceitos fundamentais para a reflexão do estudante formando e para seu debate na

escola. E também o caráter social fazendo falar o território. Como diz Milton Santos: Geografia é fazer falar o território.

Nesta proposta também temos a possibilidade do debate da noção de período problematizado a partir dos momentos que marcaram transformações na família seja por mudança ou pela adoção de outra atividade/trabalho e/ou pela introdução de novas técnicas produtivas (considerando se foram situações voluntárias ou impostas pelo mercado).

Outra vertente do trabalho é sua interação interdisciplinar: com a História é possível trabalhar as noções de temporalidades e territorialidades e as noções de períodos e periodização.

Com a Filosofia é possível debater diversas questões especialmente a questão da técnica como a expressão da relação natureza-sociedade e a idéia de intencionalidade da técnica.

Neste caso temos uma variável externa que é uma inovação tecnológica – novo conjunto de objetos técnicos – que é o Free Stall. Descrever o *free stall* procurando analisar sua dinâmica socioespacial fazendo questões tais como:

É uma inovação tecnológica que estimula a noção de monocultivo pautado na ênfase de território como recurso?

É uma inovação tecnológica que tende à socialização dos recursos? Território como abrigo?

Em que medida estes elementos se confundem?

O discurso do desenvolvimento através da modernização – quanto mais tecnológico mais alienado da natureza? Ou é uma natureza transformada em tecnociência.

O contra-hegemônico – resistência – o que os agricultores querem? Há a vontade de permanecer no campo? Que campo é este? Um espaço híbrido? O que realmente falta – técnica ou território?

Exercício de metodologia – como fazer uma pesquisa – métodos que utilizam a memória e os relatos pessoais como metodologia de pesquisa.

É possível também desenvolver vertente da produção de material como um arquivo de imagens que podem dialogar também com outras disciplinas. Da História pode-se trazer noções sobre arquivologia. A Geografia pode debater que imagens são relevantes? – quais elementos do espaço é possível mostrar ou perceber na paisagem? Outra vertente diz respeito ao método de pesquisa

mostrando a importância e as possibilidades que existem na elaboração de um acervo fotográfico dirigido por uma questão - como contar uma história.

Também cabe um debate sobre as geotecnologias: entre a iconografia e as imagens de satélites: como cruzar estes elementos?

Possibilidades de interações com Artes: como produzir uma foto ou um conjunto de fotos? Apresentação.

Este trabalho, portanto pretendeu mostrar um pouco do que é o ofício do Geógrafo ao buscar fazer falar o território.

Trabalhamos com a noção de território como abrigo e território como recurso para buscar problematizar os conflitos produzidos a partir de perspectivas distintas.

Ainda foi intuito deste trabalho buscar valorizar o conhecimento do território a partir daqueles que o vivenciam o trabalho e a moradia num mesmo território. O que diferencia da perspectiva da maioria dos espaços onde o trabalho e a moradia não são o mesmo território.

E há também a busca por compreender a capacidade que temos de analisar o mundo se o problematizarmos a partir de uma perspectiva geográfica.

REFERÊNCIAS:

ALIANÇA Láctea Sul Brasileira apoiará as ações do Programa Leite Saudável do Ministério da Agricultura - Governo do Estado de Santa Catarina.html

ANDRADE, Ramiro Vilela de; **Situação atual da pesquisa em sementes de gramíneas forrageiras no Brasil**, Rev. Bras. Sem. Brasília, 3(2), 1981 acessado em 10 de julho de 2014. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/66813/1/Situacao-atual.pdf>> Acesso em: 25/08/2015

Bichoonline. **Vacas produzem mais e melhor em ambientes adequados**. Retirado da revista balde branco. Disponível em: <<http://www.bichoonline.com.br/artigos/bb0006.htm>> Acessado dia 22/05/2015.

BOSETTI, ELISA MARIA; **Aspectos da Alimentação de Vacas Leiteiras e Sistemas de Produção de Leite na Região Oeste de Santa Catarina**. UFSC 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79216/Elisa%20Maria%20Bosetti.pdf?sequence=1>> Acesso em: 05/11/2015.

DUARTE, Vilmar Nogueira; **ESTUDO DA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE EM SANTA CATARINA NO PERÍODO 1985 – 2000**. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/download/1158/896>> Acesso em: 20/11/2015.

Eidt, Paulino. **Colonização Porto Novo: identidade e etnocentrismo?** Unochapecó. 2011. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/.../572>> Acesso em: 30/11/2015.

ELIAS, Denise. **Reestruturação Produtiva da Agropecuária e Novas Dinâmicas Territoriais: A Cidade do Campo**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/14.pdf>>. Acesso em: 05/10/2015.

ELIAS, Denise - **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão**. REVISTA NERA – ANO 8, N. 8 – JANEIRO/JUNHO DE 2006 – ISSN 1806-6755 Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/08/Elias.PDF>> Acesso em: 05/10/2015.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão**. REVISTA NERA – ANO 8, N. 8 – JANEIRO/JUNHO DE 2006. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/08/Elias.PDF>>. Acesso em: 30/08/2015.

ELIAS, Denise; **Globalização, Agricultura e Urbanização no Brasil**. ACTA Geográfica, Boa Vista, Ed. Esp. Geografia Agrária, 2013. p.13-32. Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=3&ved=0CC8QFjACahUKEwjGqYn_nOjGAhUBEZAKHf1oCsl&url=http%3A%2F%2Frevista.ufr.br%2Findex.php%2Ffactageo%2Farticle%2Fdownload%2F1937%2F1225&ei=ZiKsVcbeBYGiwAT90amQDA&usg=AFQjCNGs6hGkeG5LSjD8FKwQ8t393khVsg&bvm=bv.98197061,d.Y2I> Acesso em: 30/08/2015.

Emater: Instituto Paranaense de Assistência técnica e extensão Rural.

Disponível em

<<http://www.emater.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=143>> Acesso em: 12/11/2015.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em:

<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Leite/GadoLeiteiroZonaBragantina/paginas/cadeia.htm> > Acessado em: 05/09/2015.

EMBRAPA - Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <-

<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/886169/1/CT104Kennya.pdf>

http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/06rp/Maior_Produtor_De_Leite_Do_Brasil> Acesso em: 05/09/2015.

Empresa de Pesquisa “Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.

EPAGRI – Disponível em:

<http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Estudo_Cadeia_do_Leite.pdf> Acesso em: 12/11/2015.

Empresa de consultoria e de inteligência de leite- MILK POINT: Disponível em:

< <http://www.milkpoint.com.br/top100/2015/EBOOK-TOP100.pdf>> Acesso em 11/10/2015.

Empresa de consultoria e de inteligência de leite- MILK POINT. Disponível em:

<http://www.milkpoint.com.br/cadeia-do-leite/artigos-especiais/a-geografia-do-leite-brasileiro-87327n.aspx>> Acesso em 11/10/2015.

FREDERICO, Samuel; **Expansão da fronteira agrícola moderna e consolidação da cafeicultura científica globalizada no Oeste da Bahia**,

Revista boletim campineiro de geografia, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em:

<<http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/viewFile/58/2012v2n2-Samuca>> Acesso em 10/07/2014.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” a Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/brasil_2006/Brasil_censoagro2006.pdf> Acesso em 10/07/2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Disponível em:
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagr
opecuaria/abate-leite-couro-ovos_201401_publ_completa.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagr
opecuaria/abate-leite-couro-ovos_201401_publ_completa.pdf)
MDA - <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/maisalimentos/>> Acesso em
11/10/2015.

JORNAL EXPRESSÃO - **Free stall viabiliza o aumento da produção de leite**,
reportagem do jornal Expressão do dia 7-02-2013. Disponível em: Acessado
dia 12-05-2014. Disponível em:
<<http://www.jexpressao.com/arquivos/edicoes/2013/380.pdf>> Acesso em
11/10/2015.

JUNIOR, Francisco C. N.; **Uso agrícola do território científico para o campo
moderno no Brasil**, GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N°33 Especial,
PP, 130-142, 2013

Ministério da Integração Nacional- MI . Disponível em:
<[http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=55ad7cc0-c050-4a56-
af51-52f638f47b08&groupId=10157](http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=55ad7cc0-c050-4a56-
af51-52f638f47b08&groupId=10157)> Acesso em 11/11/2015.

Ministério da Integração Nacional, PROMESO, Programa de Promoção da
Sustentabilidade de Espaços Sub-regionais. 2009. Disponível em:
<[http://mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=55ad7cc0-c050-4a56-af51-
52f638f47b08&groupId=10157](http://mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=55ad7cc0-c050-4a56-af51-
52f638f47b08&groupId=10157)> Acesso em 08/11/2015.

Ministério do Desenvolvimento Agrário. Desenvolvimento Agrario. Secretaria
da Agricultura Familiar. Disponível em
<<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/maisalimentos/>> acesso em 25/10/2015.

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).
Disponível em: <<https://www.fao.org.br/quemSomos.asp>> Acesso em:
13/01/2015.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **O fast food e a mundialização do
gosto**. UNICAMP, Vol. V / 1997 da Revista Cadernos de Debate, páginas 21-
45. Disponível em: < [http://docplayer.com.br/5205180-O-fast-food-e-a-
mundializacao-do-gosto-1-silvia-aparecida-guarnieri-ortigoza-2.html](http://docplayer.com.br/5205180-O-fast-food-e-a-
mundializacao-do-gosto-1-silvia-aparecida-guarnieri-ortigoza-2.html)> Acesso
em 25/11/2015.

Parmalat disponível em
<[http://www.parmalat.pt/index.php?include=content&page=Despre%20noi&mod
ule_name=Istoria%20laptelui](http://www.parmalat.pt/index.php?include=content&page=Despre%20noi&mod
ule_name=Istoria%20laptelui)> Acesso em 25/11/2015

PORTAL DO AGRONEGÓCIO - **Free Stall é a saída para enfrentar as
variações climáticas bruscas e aumentar a produção do gado de leite**,
reportagem da revista portal do agronegócio acessado em 09-07-2014.
Disponível em: <[http://www.portaldoagronegocio.com.br/noticia/free-stall-e-a-
saida-para-enfrentar-as-variacoes-climaticas-bruscas-e-aumentar-a-producao-
do-gado-de-leite-106476](http://www.portaldoagronegocio.com.br/noticia/free-stall-e-a-
saida-para-enfrentar-as-variacoes-climaticas-bruscas-e-aumentar-a-producao-
do-gado-de-leite-106476)> Acesso em 11/07/2015.

ROVER, Oscar; **Gestão Política e Desenvolvimento na Região do Oeste de Santa Catarina**, Cadernos do CEOM – Ano 22, n° 30 – Políticas públicas: memórias e experiências. acessado em 15-05-14 Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/453/288>> Acesso em 11/07/2015.

SANTOS, HENRIQUE FARIA DOS; VALE, ANA RUTE DO; **Modernização Da Agricultura E Novas Relações Campo-cidade No Atual Período Da Globalização: Algumas Análises A Partir Do Agronegócio Cafeeiro No Município De Alfenas – Mg**. Jornada científica da geografia, 2012. Disponível em: < http://www.unifal-mg.edu.br/jornadageografia/files/MODERNIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20AGRICULTURA%20E%20NOVAS%20RELA%C3%87%C3%95ES%20CAMPO-CIDADE%20NO%20ATUAL%20PER%C3%8DODO%20DA%20GLOBALIZA%C3%87%C3%83O-%20ALGUMAS%20AN%C3%81LISES%20A%20PARTIR%20DO%20~1_0.pdf > Acesso em 26/08/2015.

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço, Técnica, e Tempo. Razão e Emoção** 4 ed. 2° reimpr., São Paulo, Edusp 2006.

SANTOS, Milton *et all.*. **O papel ativo da geografia, um manifesto**. Florianópolis, 2000.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 15. ed. Rio De Janeiro: Record, 2011.

SANTOS, Milton; **Testamento Intelectual**, São Paulo Edusp. 2004.

SANTOS, Osvaldo Vieira dos; MARCONDES, Tabajara; CORDEIRO, João Lari Félix. **Estudo da Cadeia do Leite em Santa Catarina. Prospecções e demandas**. Disponível em: <http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Estudo_Cadeia_do_Leite.pdf>. Acesso em: 15/09/2015.

SECRETARIA DE ESTADO E ABASTECIMENTO. Departamento de Economia Rural. **Análise da conjuntura agropecuária: ano 2013/14. Leite**. Disponível em: <http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/leite_2013_14.pdf> Acessado em 27/08/2015.

SINDILEITE - <<http://www.fiepr.org.br/sindicatos/sindileitepr/beneficios-do-leite-e-seus-derivados-1-3405-197525.shtml>> Acesso em 26/011/2015

TESSIA, Jadna; TOLEDO, Marcio; **O circuito espacial produtivo do leite: nota sobre a atuação da parmalat/lbr no Brasil**, UFSJ, territorium terram, V.

01, Nº 02, p. 52-64 | Abr./Set. - 2013/2014 acessado em 08-07-14. Disponível em
<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/territorium_terra/article/viewFile/316/414> Acesso em 25/10/2015.